



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR

CURSO DE PEDAGOGIA

JAICIANE DE CASTRO FERREIRA

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: REFLEXÕES DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO

BORBA/AM

2024

JAICIANE DE CASTRO FERREIRA

**TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: REFLEXÕES DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em
Pedagogia/PARFOR/FACED, Universidade
Federal do Amazonas (UFAM), turma de Borba –
PA427, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia

Orientador: Professora Dra. Maria Gabriella Flores Severo Fonseca

BORBA/AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F383t Ferreira, Jaiciane de Castro
Trajetória acadêmica e profissional : reflexões de uma pedagoga em formação / Jaiciane de Castro Ferreira . 2024
28 f.: 31 cm.

Orientador: Maria Gabriella Flores Severo Fonseca
TCC de Graduação (Pedagogia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Formação Docente. 2. Amazônia. 3. Política Pública. 4. Pedagogia. I. Fonseca, Maria Gabriella Flores Severo. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

JAICIANE DE CASTRO FERREIRA

**TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: REFLEXÕES DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em
Pedagogia/PARFOR/FACED, Universidade
Federal do Amazonas (UFAM), turma de Borba –
PA427, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia

Este trabalho foi APROVADO pela banca examinadora em 18/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria Gabriella Flores Severo Fonseca – UFAM (Presidente)
Orientadora

Professor/a XXXXXXXXXXXXXXXX - UFAM
Avaliador

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por sua imensa bondade e sabedoria. A minha família, em especial a minha mãe que sempre esteve ao meu lado me incentivando para que eu não desistisse. E a minha filha Jessica por ser a meu alicerce. Meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pela força, pois mesmo em dificuldades me deu disposição, coragem e sabedoria para continuar e vencer.

Agradeço aos meus pais Maria Lúcia e Jairo que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

Às minhas irmãs Vanessa e Luciane que sempre cuidaram da minha filha no período do curso.

Ao meu esposo Jefferson pela compreensão e paciência demonstrada durante o período do curso.

Agradeço também a minha orientadora Maria Gabriella por aceitar conduzir meu trabalho.

Às minhas amigas Kenediana e Sebastiana, por sempre me apoiarem, ajudando-me sem medir esforços, por tantos momentos partilhados, por cada sorriso e lágrimas em cada momento. Enfim, a todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para a realização e concretização desse sonho.

A todos muito obrigada!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho final de curso oportuniza a reflexão sobre os desafios da formação docente na Amazônia. Está construído no formato de um relato de experiência crítico e reflexivo, no qual a autora descreve suas experiências e, ao mesmo tempo, propicia elementos para uma análise crítica dos processos formativos que engendram a formação docente no contexto amazônico, em especial, no Município de Borba, possibilitado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, no período de 2019 a 2024. Os resultados do trabalho oferecem uma visão sobre a educação na realidade amazônica, com seus desafios históricos e também aponta caminhos e possibilidades, inspirados na trajetória de sua autora.

Palavras-chave: Formação Docente; Amazônia; Política Pública; Pedagogia.

ABSTRACT

This final course work provides the opportunity to reflect on the challenges of teacher training in the Amazon. It is built in the format of a critical and reflective experience report, in which the author describes her experiences and, at the same time, provides elements for a critical analysis of the formative processes that engender teacher training in the Amazonian context, especially in the Municipality of Borba, made possible by the National Plan for the Training of Basic Education Teachers – PARFOR, in the period from 2019 to 2024. The results of the work offer a vision of education in the Amazonian reality, with its historical challenges and also point out paths and possibilities, inspired by the trajectory of its author.

Keywords: Teacher Training; Amazon; Public Policy; Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I – DA ENTRADA NA ESCOLA AO INGRESSO NO MAGISTÉRIO EM AMBIENTE AMAZÔNICO	11
1.1 De casa a escola	11
1.2 A escola e o exercício do magistério (experiência profissional)	14
2 CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM NÍVEL SUPERIOR	16
2.1 O ingresso no PARFOR: A trajetória da formação em serviço.....	16
3 CAPÍTULO III – REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A GESTÃO ESCOLAR	18
3.1 A Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na escola amazônica (estágio na educação infantil e anos iniciais)	18
3.2 A gestão escolar no contexto do Amazonas.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

O Memorial é descrito como um resgate das lembranças ou acontecimentos e referência para reflexão acerca dos saberes. Ao lembrar de algo, cada pessoa realiza um balanço a respeito de um determinado momento vivido. O interesse pelo relato na primeira pessoa e pela razão do sujeito, que expõe sua vida (pública, privada, afetiva ou política) de diferentes formas e em diversos meios, nunca despertou tanta atração como atualmente (Sarlo, 2007).

Os dados presentes neste Memorial constituem uma narrativa elaborada por mim com o objetivo de relatar a minha trajetória escolar dos primeiros anos da escola, que considero pilares da minha formação humana, até a vida acadêmica, expondo as principais dificuldades e superações.

Este trabalho final de curso oportuniza a reflexão sobre os desafios da formação docente na Amazônia. Está construído no formato de um relato de experiência crítico e reflexivo, no qual descrevo minhas experiências e, ao mesmo tempo, propicia elementos para uma análise crítica dos processos formativos que engendram a formação docente no contexto amazônico, em especial, no Município de Borba, possibilitado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, no período de 2019 a 2024. Os resultados do trabalho oferecem uma visão sobre a educação na realidade amazônica, com seus desafios históricos e também aponta caminhos e possibilidades, inspirados na minha própria trajetória.

CAPÍTULO I

DA ENTRADA NA ESCOLA AO INGRESSO NO MAGISTÉRIO EM AMBIENTE AMAZÔNICO

Este capítulo trata da entrada na escola ao ingresso no magistério em ambiente amazônico, com ênfase “de casa a escola”, abordando um pouco sobre a história da infância, trazendo algumas peculiaridades específicas dessa fase. Destaco algumas lembranças das séries iniciais, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1.1 De casa a escola

Eu, Jaiciane de Castro Ferreira, finalista do Curso de Licenciatura em Pedagogia fomentada pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR e Universidade Federal do Amazonas – UFAM, venho, por meio deste documento, relatar minha trajetória escolar desde as séries iniciais até o Ensino Superior.

Nasci no dia 16 de julho de 1995, tenho 28 anos e sou natural do município de Borba-AM. Sou filha de Maria Lúcia Valente de Castro e Jairo Rodrigues Ferreira. Tenho 06 irmãos: Roney, Vanessa, Bruno, Matheus, Luciane e Aline. Também tenho uma filha chamada Jessica Vitória, que tem 05 anos de idade. Atualmente, resido na Aldeia Sapucaia, localizada no Rio Igapó Açu/ Terra Indígena Cunhã Sapucaia há cerca de 09 anos. Sou professora na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, localizada na mesma aldeia.

Ao recordar da minha infância, lembro-me que foi uma época muito maravilhosa, minha família e eu sempre moramos no bairro Bela Vista, local onde a vizinhança era muito unida e todas as crianças podiam brincar à vontade, havia várias brincadeiras e, por ser um bairro muito tranquilo, brincávamos na rua mesmo. As brincadeiras eram bem divertidas como por exemplo: “roba-bandeira”, “gemesson”, taco, cabo de guerra, garrafão, entre outras. Mesmo em meio a minha timidez, eu gostava de brincar com meus vizinhos e com os meus irmãos também.

Ao chegar nas séries iniciais, lembro-me de que senti um frio na barriga de tanto nervosismo. Eu não me sentia muito segura em ambientes diferentes, talvez por causa do medo do desconhecido e da timidez. Cursei a 1ª e também a 2ª série na Escola Municipal Marly de Castro Maciel, e tive o privilégio de ser orientada por

professoras maravilhosas e que foram fundamentais para o meu processo de ensino-aprendizagem. Minha professora da 1ª série se chamava Michelly Motta, e a professora da 2ª série se chamava Maria do Socorro Góes.

Em 2005, fui transferida para outra instituição de ensino por nome Lourenço Rodrigues da Motta. Nessa escola, cursei a 3ª série. No início, senti um pouco de dificuldades, pois a escola era um pouco distante da minha casa e, por se tratar de uma escola nova, eu não conhecia ninguém. Tive muita dificuldade em interagir com os demais colegas, mas isso foi mudando com o passar dos dias. Lembro que minha professora era bastante dedicada e alegre. Sempre no início do ano letivo eram distribuídos livros didáticos das disciplinas que seriam ministradas, tais livros eram encapados pelo aluno ou por seus pais em casa. Cada aluno tinha que ter cuidado com seu material e assim, ao final do ano letivo, os livros deveriam estar em perfeitas condições para serem reutilizados por outro aluno.

No ano de 2006, já na 4ª série, ainda continuei a estudar na mesma escola, mas com outra professora, que se chamava Cristina. Essa professora tinha um perfil bastante amedrontador. Todos os alunos que eu conheci nesta escola a temiam muito, talvez por ser uma professora muito rígida e tradicionalista, o que acabava causando esse temor nos alunos. Recordo-me que, nas aulas de Matemática, minha professora separava alguns alunos, colocando algumas cadeiras para frente em destaque e selecionava os alunos que, na visão dela, eram mais desenvolvidos e o restante da turma sentava atrás, um ao lado do outro, isso acontecia sempre que tinha alguma avaliação. Ao concluir a 4ª série, fui novamente transferida para outra escola para que assim eu pudesse dar continuidade em meus estudos.

No ano de 2007, ingressei na antiga 5ª série na Escola Estadual Cônego Bento José de Souza, escola essa que era muito popular no município. Havia muitos alunos matriculados, pois era ofertado o Ensino Fundamental II e Ensino Médio nos três turnos. Nesse mesmo ano, minha mãe teve que ir trabalhar no interior de Borba como professora. A partir disso, meus irmãos e eu fomos morar na casa dos meus avós em outro bairro um pouco distante da escola onde eu estudaria. Foi uma etapa cheia de mudanças em minha vida. Na escola, tive o privilégio de conhecer pessoas novas, criei amizades que, até nos dias atuais, ainda estão presentes em minha vida, foram momentos de muita alegria e de novas experiências vividas.

Nessa época, eu estudava no turno matutino e, por ter encerrado um ciclo que foi o das séries iniciais, novamente tive que passar por outro processo de adaptação,

pois, a cada 45 minutos, havia uma troca de professores, o que no começo era estranho para quem estava acostumada somente com uma professora dentro da sala. Além das disciplinas ministradas de segunda a sexta, eu também participava da Educação Física no turno vespertino, normalmente acontecia de duas a três vezes por semana.

Ao que parece, no ano seguinte, houve uma mudança no ensino, o que antes era Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, passara a ser Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano. A partir de então, não mudei mais de escola, permaneci na mesma até concluir o Ensino Médio.

Lembro-me de que, quando fui cursar o 8º ano, apareceu uma rachadura no prédio da escola, e, com isso, ela acabou sendo interditada, diante disso ocorreu que as turmas foram divididas e enviadas para escolas diferentes. Por conta dessa situação, tive que me esforçar ainda mais, pois a escola em que eu fiquei era muito longe de onde eu morava. Assim, tinha que acordar mais cedo para sair de casa. Nessa época, eu já trabalhava em casa de família e por isso tinha que estudar no turno matutino e, quando eu saía da escola, já ia direto para o trabalho.

Em 2010, já no 9º ano, deparei-me com professores novos, gostei de alguns e de outros não. Logo, tive que trocar de turno, passando a estudar no turno vespertino. Foi uma experiência bem interessante. Além de estudar à tarde, à noite, eu participava de um curso de informática básica.

Ao chegar no tão sonhado Ensino Médio, senti-me realizada, pois, na minha concepção, já faltavam poucos anos para concluir essa etapa e dar início a uma nova fase em minha vida. Esse período foi cheio de mudanças e, mais uma vez, tive que trocar de turno, tendo voltado a estudar no turno matutino por causa do trabalho. A escola foi liberada da interdição e, com isso, ficou muito mais fácil o meu deslocamento até a escola, pois ela ficava a uns cinco minutos da casa da minha mãe.

Chegando ao 2º ano, minha vida teve uma reviravolta, pois, no início do ano letivo, recebi uma proposta de ir morar em Parintins. Nessa cidade, eu poderia continuar meus estudos, conciliando com o trabalho. Pensei bastante e aceitei a proposta. Passados alguns dias, mudei-me para Parintins; consegui matricular-me em uma escola, mas era muito diferente da realidade qual eu já estava acostumada. No primeiro dia de aula, fiquei muito nervosa, pois era um ambiente com pessoas desconhecidas e isso me deixava muito insegura, principalmente porque tive que estudar à noite, situação, para mim, revoltante.

Cada dia que passava, a vontade de voltar para casa só aumentava. Foi então que, apesar de algumas dificuldades, decidi voltar para Borba, e, por ter tomado essa decisão, isso quase me custou um ano perdido, pois, ao final do ano letivo, fiquei de recuperação, o que nunca tinha acontecido comigo. Ainda assim, consegui passar e fui aprovada para o 3º ano do Ensino Médio, com notas um pouco baixas. Ainda assim, fiquei muito feliz comigo mesma, pois, em meio a tantas dificuldades, eu não desisti, visto que eu só pensava em não decepcionar meus pais.

No ano de 2013, finalmente cheguei no 3º ano do Ensino Médio. Nesse ano, me senti muito privilegiada por estudar junto com o meu irmão, e isso só foi possível porque ele repetiu uma série há um tempo atrás. Continuei a estudar à noite, pois, durante o dia, eu trabalhava como babá. Confesso que era um pouco cansativo, mas eu precisava estudar, então sempre buscava dedicar-me. Considerava os professores eram bem dinâmicos e suas aulas bem divertidas.

1.2 A escola e o exercício do magistério (experiência profissional)

No ano de 2014, recebi uma proposta para trabalhar como professora na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, localizada na Aldeia Sapucaia – Rio Igapó Açú/Terra Indígena Cunhã Sapucaia. De início, comecei a ministrar aulas para a EJA do segundo seguimento, era uma turma bem numerosa, a maioria era jovem e estava atrasada em seus estudos, precisando dar continuidade. Havia apenas 04 professores naquela escola: 01 professor para a turma de Educação Infantil, 01 para a turma de multisseriado de 1º ao 5º ano, e 02 professores para a EJA.

No ano seguinte, ainda continuei com a mesma turma, mas eu sentia uma grande dificuldade em ministrar aulas, pois eu era jovem demais e não houve nenhuma preparação para que eu fosse dar aulas, e, diante dessas dificuldades, busquei aprofundar-me mais em outros métodos de ensino. A partir disso, os anos foram passando e eu continuei a trabalhar na mesma escola, agora com uma turma de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Foi uma experiência muito boa. É claro que eu ainda não tinha nenhuma licenciatura específica para trabalhar com aquela turma, mas a comunidade estava precisando e as pessoas que são graduadas normalmente não querem se deslocar para lugares distantes, principalmente quando não se tem energia elétrica, banheiros sanitários, entre outras coisas.

Em 2022, recebi uma proposta para trabalhar com uma turma de multisseriado de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. Confesso que foi um grande desafio, pois eu nunca havia trabalhado com uma turma assim, mas aceitei o desafio e dediquei-me com afinco. A princípio foi um pouco difícil, mas, com o passar dos dias, fui procurando melhorar minhas metodologias para que dessa forma eu conseguisse alcançar meu objetivo de alfabetizar de forma significativa os alunos.

Por isso, considero que o curso de Pedagogia me proporcionou inúmeros aprendizados, pois aprendi que não se pode apenas encher um quadro com conteúdo, à aprendizagem tem que ser significativa e o professor deve estar atento ao conhecimento que o aluno já traz de casa, pois um aluno nunca vem para uma sala de aula vazia, sempre aquela criança trará algo que ajudará no seu processo de ensino-aprendizagem.

Para um docente, trabalhar com turmas multisseriadas/multiano é um desafio constante, pois há uma sobrecarga das diversas responsabilidades que precisa exercer, sabendo que aqueles alunos estão ali para aprender em um ambiente que possui faixas etárias e anos diferentes (Santos; Santos, 2017).

As metodologias utilizadas em sala são cruciais no processo de ensino e aprendizagem dos alunos inseridos nesse contexto, portanto o fazer pedagógico é o motivo do sucesso dos alunos. Assim, segundo Santos (2017), o trabalho nas escolas requer, da parte do docente, um maior compromisso, pois está ciente do desafio de trabalhar com vários anos em um mesmo tempo e espaço.

Acredito que, desafios sempre virão, mas cabe a mim como professora, a cada dia, buscar superá-los, fazendo sempre uma autorreflexão das minhas práticas pedagógicas, inovando meus métodos e sempre trabalhando com a realidade em que os alunos vivem.

CAPÍTULO II

A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM NÍVEL SUPERIOR

O segundo capítulo abordará a formação acadêmica em nível superior, o ingresso no PARFOR: A trajetória da formação em serviço. Neste capítulo, será abordado o início da minha trajetória acadêmica, alguns módulos e disciplinas cursadas durante o curso de Pedagogia, destacando algumas dificuldades enfrentadas durante a COVID-19 e os ensinamentos que foram significativos.

2.1 O ingresso no PARFOR: A trajetória da formação em serviço

No ano de 2018, surgiu uma proposta para iniciar uma faculdade em que a prioridade para estudar seria para quem estava atuando na área como professor, pois se tratava de um curso de graduação para professores da Educação Básica. Havia dois cursos: Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Língua Inglesa. Diante disso, eu tive que me deslocar para o município de Borba para realizar a minha inscrição, e, com a ajuda da minha mãe, consegui inscrever-me em Pedagogia, agora era só aguardar a chamada.

Em 2019, finalmente iniciamos o primeiro período do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Foi uma alegria, pois eu pensava que esse dia nunca chegaria. Era uma grande oportunidade de crescer em conhecimento, de me tornar uma profissional qualificada e de realizar o meu sonho de cursar uma faculdade. Ao iniciar o primeiro período, fiquei muito nervosa, sentindo um friozinho na barriga, pois até então era tudo novo, mas, com o passar dos dias, fui me adaptando a uma nova rotina.

Em janeiro de 2020, iniciamos o segundo período do curso. Foi um período muito enriquecedor apesar de tudo que estava acontecendo no mundo com o surgimento do coronavírus, mas, até aquele momento, estava tudo sob controle em nosso país. Nesse período, foram ofertadas 5 disciplinas: Psicologia da Educação I, Sociologia da Educação I, História da Educação I, Filosofia e Educação II e Antropologia e Educação. No segundo semestre de 2020, foram suspensas as aulas presenciais por causa da pandemia do coronavírus. Foi um período muito difícil para todos, pessoas ficaram desempregadas, escolas foram fechadas e muitas famílias perderam seus entes queridos para esse vírus que foi devastador.

Assim, segui aguardando o retorno das aulas, no ano de 2021 tivemos um período remoto. Confesso que não foi um dos melhores, mas creio que os professores

fizeram o que estava ao seu alcance para ajudar cada acadêmico. Mas, eu infelizmente não pude dedicar-me como gostaria, pois minha avó estava muito doente e, assim como tantos outros, acabou contraindo o vírus da covid-19. Eu tinha que me dividir entre os afazeres domésticos, cuidar da minha avó doente e ainda ter que cuidar da minha filha e dos meus sobrinhos.

Quando essa fase passou, a vida começou a retomar à normalidade e as aulas do curso de Pedagogia voltaram a ser presenciais. Lembro-me de que foi na disciplina *A criança e as Artes* que me fez apaixonar-me pela Educação Infantil. A maneira com que a professora ministrava as aulas eram fantásticas e aquilo de alguma forma me encantava.

Tivemos períodos muito enriquecedores para toda a turma, períodos que mudaram minha percepção de mundo e da sociedade, que fizeram eu me autoanalisar como educadora, mudando assim minhas práticas pedagógicas.

No primeiro semestre de 2024, foram ofertadas 07 disciplinas: Gestão e Planejamento Educacional, ministrada pelo professor Edilberto Santos Moura, Educação Ambiental, ministrada pelo professor Marcelo Dayron Rodrigues Soares, Educação do Campo, ministrada pelo professor Genildo da Silva Nóbrega, Estágio Supervisionado em Educação Infantil, ministradas pelas professoras Adriana Francisca de Medeiros, Andreia Sebastiana do Rosário Cavalcante Machado, Joristela de Souza Queiroz e Debora Regina Soares de Oliveira, Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ens. Fundamental I, ministrada pelas professoras Ângela Maria Gonçalves de Oliveira, Andreia Sebastiana do Rosário Cavalcante Machado, Núbia do Socorro Pinto Breves e Luciana Pereira da Costa e Silva, Estágio Supervisionado em Gestão da Educação e Orientação do Trabalho final II. Foi um período muito proveitoso, cada disciplina estudada, cada professor, cada experiência vivida em sala de aula e fora da sala me possibilitaram o privilégio de conhecer um pouco dos conteúdos repassados e causou-me a sensação de que eu estava vivendo algo inesquecível.

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A GESTÃO ESCOLAR

O terceiro capítulo trata das reflexões sobre a prática docente e a gestão escolar, dando ênfase em alguns aspectos relevantes dos Estágios em Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I e a Gestão escolar no contexto do Amazonas, destacando as ações desenvolvidas e as reflexões realizadas durante o período de estágio na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida.

3.1 A Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na escola amazônica

O estágio supervisionado na Educação Infantil foi realizado na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, localizada na Aldeia Sapucaia Rio Igapó Açú/ Terra Indígena Cunhã Sapucaia no município de Borba-Am.

Na comunidade a qual a Escola está inserida os moradores possuem situações econômicas que predominam em funcionários públicos, pescadores, agricultores e pequenos comerciantes. Pressupõe-se que 60% dos pais dos alunos da referida instituição não chegaram a completar o Ensino Fundamental I. Na comunidade, há uma igreja evangélica, um prédio escolar inacabado e um centro social. A escola atende alunos que moram em outras aldeias, aldeia Meu Sonho, aldeia Sapucainha e aldeia Tapagem.

No ano de 2024, a Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida passa a ter um quadro de docentes formado por 08 professores; 01 auxiliar de serviços gerais; 01 merendeira; 02 coordenadores pedagógico e 01 gestor.

O estágio foi dividido em dois momentos distintos e complementares, nos quais pude observar os diversos aspectos da escola, conforme orientação prévia, além de participar do planejamento da professora da Educação Infantil e posteriormente das atividades em sala de aula. A turma de Educação Infantil é composta por 12 crianças, contando apenas com uma professora regente e não dispondo de auxiliar. Observei ainda uma relação de respeito e carinho entre alunos e professora.

As crianças são participativas e comunicativas, mudam rapidamente os interesses pelas atividades propostas. Ressalta-se que as atividades seguem uma rotina bem diversificada e que procuram respeitar os limites de cada uma. Nesse

contexto, a contação de história é um dos momentos centrais, explorando a imaginação das crianças e favorecendo a participação ativa dessas, principalmente quando são inseridas canções e/ou brincadeiras nesse processo.

As atividades desenvolvidas em sala de aula estão detalhadas no planejamento, explicitando os campos de experiências contemplados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). As metodologias usadas são músicas, brincadeiras, leituras, recontagem de histórias, desenhos, jogos e entre outras.

O momento do planejamento na Educação Infantil é fundamental, pois possibilita ao professor, além da escolha dos conteúdos a serem trabalhados, verificar os avanços e as dificuldades apresentadas pelas crianças, oportunizando a realização de adequações quanto às práticas pedagógicas adotadas. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1988), nos aponta que:

[...] ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los (Brasil, 1988, p.196).

Nesse contexto, pude observar a importância do planejamento das atividades que foram desenvolvidas durante o período de regência. Percebi que as práticas planejadas fundamentam-se no desenvolvimento das capacidades das crianças, compreendendo as limitações e trabalhando na ampliação das relações sociais, ou seja, uma educação integral, indo ao encontro do que é proposto no Artigo 29 da LDB 9.394/96:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Brasil, 1996, p.11).

O planejamento da regência centrou-se na rotina das crianças e no plano elaborado pela escola. Assim, o plano teve como principal referência os campos de experiências da Educação Infantil e as atividades contemplaram o desenvolvimento das crianças nos aspectos cognitivos, afetivos, psicológicos e sociais.

Tanto em creches quanto pré-escolas, como instituições educativas, tem uma responsabilidade para com as crianças pequenas, seu desenvolvimento e sua aprendizagem, o que requer um trabalho intencional e de qualidade. (Ostetto, 2002, p.175 apud Sousa, *et al.*,2018, p.6).

A regência foi iniciada no dia 28 de março de 2024, as ideias iniciais sofreram adaptações à realidade dos educandos e o meu plano foi baseado nas práticas pedagógicas que compõem a proposta Curricular da Educação Infantil, tendo como eixos norteadores as interações e a brincadeira, conforme propõe a BNCC (Brasil, 2018):

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BNCC, 2018, p. 42).

Iniciei a aula fazendo uma roda de conversa e explicando sobre o nosso corpo, gestos e movimentos. Mantive a rotina escolar, buscando o trabalho da pluralidade de atividades que contemplassem o pleno desenvolvimento das crianças, oportunizando momentos de aprendizagem.

Dentro da sala de aula, a professora conduz de forma holística para promover o desenvolvimento integral com as crianças permitindo conectar-se consigo mesmas e com tudo que as rodeia, usando estratégias que sugerem mais desenvolvimento no aprendizado das crianças.

A professora faz de suas aulas uma brincadeira sempre usando o lúdico. Notei que ela trouxe para a aula uma pequena história para ser desenvolvida com todos os alunos e que todos deveriam participar bastante. Assim, a criança teve a atenção voltada para a história que foi lida pela professora. Ao final da leitura, a docente fez perguntas sobre a história e vi a criatividade para conter a curiosidade dos pequenos. A professora usa recursos que existem na sala de aula para trabalhar o aprendizado das crianças.

Durante o processo de observação, me senti muito acolhida e a professora regente da sala se mostrou solícita diante dos questionamentos e das ideias propostas para a realização da regência. A Educação Infantil se apresenta como um universo de possibilidades e de desafios, sendo constatado através do

planejamento e da efetivação desse segmento de ensino, exigindo dinamismo, ousadia e criatividade.

No dia 22 de abril de 2024, na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, na presença da gestora Geane da Silva Nóbrega, iniciei minha regência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, utilizando meu plano de aula que teve como tema: gênero textual cartaz. De início, os alunos mostraram-se bem interessados. Houve uma troca de conhecimentos muito rica e, por se tratar de uma turma multisseriada, busquei metodologias diferenciadas, trazendo para a aula conteúdos mais próximos da realidade e compreensão dos estudantes, aproveitando assim a “Semana dos povos indígenas”.

Para um docente trabalhar com turmas multisseriadas é um desafio constante, pois há uma sobrecarga das diversas responsabilidades que tem a exercer, sabendo que aqueles alunos estão ali para aprender em um ambiente que possui faixas etárias e anos diferentes (Santos; Santos, 2017).

Nesse contexto, pude observar a importância do planejamento das atividades que foram desenvolvidas durante o período de regência. Percebi que as práticas planejadas fundamentam-se no desenvolvimento das capacidades dos alunos, compreendendo as limitações e a realidade dos alunos, trabalhando na ampliação das relações sociais, ou seja, uma educação integral.

É indispensável a formação dos educadores, quando afirma: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.” Ainda diz que: “A conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa” (Freire, 2001, p. 45).

Realizar o estágio trouxe a oportunidade de relacionar a teoria com a prática estudada, como o esclarecimento de algumas dúvidas que se acumularam durante todo o curso, pois a vivência me proporcionou novos conhecimentos. Nesta perspectiva, planejar, adaptar à realidade dos educandos e executar ações propostas foram ações possíveis mediante ao apoio e à orientação que me foi dada e por ter liberdade de desenvolver minhas ideias na sala de aula.

Destaco que a regência me possibilitou crescer. O período de estágio foi um dos momentos marcantes em minha vida, pois me possibilitou inúmeras experiências com os alunos que me ajudarão a obter mais sucesso como profissional. Mesmo já tendo experiência como educadora, no estágio, me senti

como se estivesse iniciando. É por isso que é importante o professor sempre estar se renovando com novas aprendizagens, métodos, e se autoavaliando se está alcançando seus objetivos em sala de aula.

O ato de ensinar requer do professor responsabilidade, compromisso, seriedade, preparo científico, físico, emocional e afetivo. Isso porque não basta ir para sala de aula só marcar presença ou ter afinidades com os alunos, é preciso sentir-se bem consigo mesmo. São pessoas que, mesmo sendo crianças, adolescentes ou jovens, são elas que, no futuro bem próximo, estarão a conduzir as futuras gerações, e, para não termos uma geração comprometida, é preciso ensinar olhando exatamente para o futuro.

Embora eu já exerça o magistério, essa experiência revelou-me que o conhecimento se dá pelo contato, pela experimentação e, principalmente, pela capacidade de aprender por meio das relações com os outros sujeitos que estão inseridos no contexto escolar, legitimando-se pela escolha de uma profissão desafiadora, no sentido de atuar na formação de cidadãos críticos e participativos.

3.2 A gestão escolar no contexto do Amazonas

O Estágio Supervisionado em Gestão da Educação ocorreu no período de 02/05/2024 a 29/05/2024, totalizando 24 dias de estágio, com a duração de 120 horas. Nesse estágio, realizei observações, participações em reuniões pedagógicas e intervenções em sala de aula na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, localizada na Aldeia Sapucaia no Rio Igapó Açú.

O Estágio Supervisionado em Gestão da Educação tem como objetivo promover a articulação dos elementos teórico-metodológicos do eixo da gestão democrática da educação para uma atuação crítica e criativa no estágio supervisionado em gestão na educação.

O estágio supervisionado é uma das atividades imprescindíveis na formação do pedagogo, pois permite aos graduandos a experiência do exercício profissional, sem espaços institucionais onde se desenvolvam processos educativos, bem como possibilita a produção de conhecimentos pedagógicos e científicos sobre o processo de ensino e de aprendizagem. É considerado como uma atividade necessária para a formação do futuro educador, como parte de seu processo de formação, e em especial por se caracterizar como “um instrumento valioso para desenvolver a postura crítica e

proporcionar o referencial teórico-prático necessário ao profissional que exigem os tempos atuais [...]” (Almeida, 1994, p.42).

O estágio supervisionado em gestão da educação, é sem dúvidas, uma das atividades mais importantes de nossa formação, pois é o momento onde estamos saindo das teorias para vivenciar na prática o que aprendemos e discutimos em sala de aula como aluno no decorrer do curso, o estágio é de grande relevância para o tipo de profissionais que iremos nos tornar.

Posso ressaltar que é no estágio que o estudante vê a importância que tem em sua formação quanto um profissional da educação, por que é através dele que temos oportunidade de observar a criança no espaço educativo com todas suas singularidades, seus movimentos, suas potencialidades, suas indagações suas curiosidades, seus saberes e fazeres, o que poderá confirmar a escolha acertada do futuro professor e o encantamento pelo trabalho de educar ou, ainda, travar um conflito interior quando isso não acontece.

A comunidade na qual a Escola está inserida pode ser caracterizada como de moradores que não tem trabalho assalariado, pois muitos ainda sobrevivem da agricultura, da pesca e pecuária. Muitos são mantidos economicamente de programas sociais e possuem famílias numerosas. A comunidade possui um posto de saúde, uma igreja evangélica, um prédio escolar inacabado e casas construídas em madeira. A relação dos professores da escola com a comunidade é bem harmoniosa, pois todos trabalham sem pressão alguma e nas reuniões, é aberta a discussão para aqueles que queiram dar suas opiniões de melhoria a comunidade escolar, não importa a posição hierárquica que a pessoa exerça, mas o processo de reciprocidade.

Por isso, pode-se dizer que a referida escola funciona de maneira bem democrática e isso reflete no bom convívio dos alunos com os funcionários. A relação da escola com a comunidade de pais é considerada boa, devido à participação tanto na escola como em casa, e isso melhora a aprendizagem e incentiva o corpo docente e discente para atuarem de maneira eficiente e eficaz. Porém, existem outros pais que não acompanham o processo de aprendizagem de seus filhos, talvez seja por trabalharem na agricultura ou em qualquer atividade que tome a maior parte do seu tempo durante o dia. Isso é um problema para os alunos que precisam do apoio dos pais para obter êxito na escola, mas a direção

procura sempre meios para chamar a atenção das famílias e assim integrá-las com os demais.

Entretanto, os aspectos culturais não interferem nesta relação, mas ajudam para que todos possam perceber que na escola não existe uma raça homogênea, mas sim heterogênea. Para tanto, a miscigenação que compõe a escola contribui para que ocorra o respeito mútuo entre as diferentes culturas. A escola não é a única responsável, mas tem papel importante na construção da identidade e dos projetos de vida de seus alunos. Por isso, refletir sobre a nossa intencionalidade, sobre como queremos educar as crianças e jovens é algo que precisa fazer parte do cotidiano.

No ano de 2024 a Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida passa a ter um quadro de funcionários formado por 08 professores; 01 Auxiliar de Serviços Gerais; 01 Merendeira; 02 coordenadores pedagógico e 01 Gestor. Possui o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), que reflete na identidade da instituição e a direção aos seus alunos e servidores tanto com os docentes e discentes que ajudam a escola a caminhar.

A Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida é um estabelecimento público de ensino montado pela Prefeitura Municipal de Educação – SEMED, construída na administração do Prefeito Edivar Souza. A referida instituição oferece Ensino infantil de maternal ao Pré-Escolar II, Ensino fundamental I de 1º ao 5º Ano, Ensino Fundamenta II de 6º ao 9º Ano. A escola funciona nos dois (02) turnos (matutino e vespertino). Pela manhã, funciona 02 (duas) turmas, com um quantitativo de 22 alunos, uma turma de Educação Infantil e outra dos Anos Iniciais. No período da tarde, também está em exercício com 04 (quatro) turmas do Ensino Fundamental II, com uma demanda de 37 alunos, sendo que, ao todo, dispõe de uma clientela de 59 alunos.

Em minha percepção, o espaço físico não está adequado para as aulas. A escola é em formato de casulo. Atende as crianças da Educação Infantil no turno matutino devido ao prédio escolar estar inacabado. Utiliza-se o centro social da aldeia para ministração das aulas. O espaço é bem amplo e foi dividido em 04 salas para atenderem os alunos. As crianças das séries iniciais estudam no centro social da aldeia no turno matutino, e o Ensino Fundamental II funciona no turno vespertino também no centro social da aldeia. A escola não possui laboratório de

informática, e o único espaço para atividades físicas é um pequeno campo da aldeia.

A instituição educacional demonstra preocupação, considerando a falta de um espaço adequado, no qual as crianças pudessem usufruir na hora do recreio. Assim, em alguns momentos, substitui-se o recreio por um tempo de brincadeira livre, às vezes no campo e outras dentro da sala. Nessa perspectiva, a escola reconhece a importância da brincadeira realizada em um espaço aberto e dos prejuízos que a falta de um ambiente como esse pode causar na formação das crianças.

Nesse contexto, a Declaração Universal dos Direitos da criança que foi aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas no ano de 1959, estabelece que toda criança tem direito de brincar e a divertir-se, cabendo à sociedade e às autoridades públicas garantirem a ela o exercício pleno desse direito (ONU, 1959). Ressalta-se ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado com a finalidade de proteger as crianças e os adolescentes enquanto cidadãos dotados de direitos (Brasil, 2012).

Nesse sentido, a criança que tiver o “direito” assegurado e usufrua desse possivelmente será um adulto preparado para enfrentar a vida em sociedade, pois no brincar a criança utiliza sua criatividade, criando regras, demonstrando liderança, flexibilidade, autonomia e muitas outras habilidades sociais.

Na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, as ações desenvolvidas foram culminâncias acerca das datas comemorativas: Dia da Mãe e o Plano de Ação/Intervenção. Como diz Libâneo (2001), a participação é fundamental por garantir a gestão democrática da escola, pois é assim que todos os envolvidos no processo educacional da instituição estarão presentes, tanto nas decisões e construções de propostas (planos, programas, projetos, ações, eventos) como no processo de implementação, acompanhamento e avaliação.

Nos dias 21, 22 e 23, foi aplicado o plano de ação na Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Aparecida, através do método fenomenológico e dialético. Nessa abordagem, os fatos podem ser relevados de acordo com informações dos pais, alunos, direção da escola etc. sobre o que pensam da participação da família na vida escolar do educando. Nesse plano de ação, foram realizadas coleta de informações sobre a ausência da família na escola. A partir disso, foram descobertos os fatores que contribuem para a ausência dos familiares na escola. Foi realizada uma

palestra em que o gestor da escola deu sua parcela de contribuição sobre o tema. Em seguida, a liderança da aldeia também fez sua colocação e, com isso, os pais puderam fazer seus argumentos, dando opiniões e dizendo o motivo de não acompanharem os filhos diretamente na escola. Relataram que precisavam trabalhar para dar o sustento dos filhos. Portanto, diante das atividades trabalhadas, os resultados das intervenções foram relevantes, pois foi observado que alguns pais mostraram-se mais interessados na educação de seus filhos, e se disponibilizaram em ajudar e acompanhá-los mais na escola.

[...] desejamos uma relação complementar entre escola e família, e o que nos leva a buscar caminhos para que tal relação não fique no vazio, e sim que seja significativo, participativo, como colaboração efetiva das famílias. E como este objetivo/ há diversos canais que possibilitam a comunicação [...] os momentos de entrada e saída, as festas e entrevistas [...] podemos abrir as portas para que as famílias tenham acesso a participar do currículo colaborando em sua elaboração em sua execução e avaliação, tanto na escola quanto na sala de aula. (Medeiros, 2003,p. 47).

Com base nas explicações, é preciso que a escola seja mais dinâmica, oferecendo oficinas que envolvam a família, palestras aos pais e professores, com intuito de conscientização de que a família e escola devem trabalhar juntos para o bom desenvolvimento do aluno e que os pais precisam ser informadas pela escola sobre o planejamento escolar, deixando claro seu objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desse memorial foi uma experiência riquíssima, pois, através dele, tive a oportunidade de expor as principais experiências que vivenciei durante minha trajetória de vida escolar e formação acadêmica. Registrar minhas memórias me deu a chance de trazer para o presente lembranças e reflexões que influenciaram na minha escolha pela profissão docente.

Hoje, olho para trás e vejo que todos os acontecimentos durante o meu processo de formação foram essenciais para a construção da minha identidade. Sei que essas experiências vão me acompanhar para o resto de minha vida. Em vários momentos, senti-me pressionada e me julguei incapaz, pois foram vários momentos de dificuldades vivenciados. Não foi uma tarefa fácil dar conta da conclusão do memorial e dos relatórios de estágio supervisionados, foram noites mal dormidas e cansaço mental, mas sou extremamente grata a Deus por ter vivenciado momentos maravilhosos e pelo privilégio de ter cursado Pedagogia.

Ao olhar para trás e ver todos os esforços que desempenhei neste curso, sinto que valeu muito a pena, pois cada situação vivida me fez adquirir vários conhecimentos. Finalizo este Trabalho de Conclusão de Curso com a mente repleta de lembranças e o coração cheio de felicidades.

Diante de todo esse contexto, o curso de Pedagogia me fez conhecer novas teorias, para com isso ter uma outra visão e reflexão sobre o ensino e aprendizagem. As aprendizagens e reflexões obtidas ao longo dessa trajetória acadêmica me preparou para enfrentar os desafios da profissão com competência, criatividade e sensibilidade. Ao final do curso, finalizo não apenas como educadora, mas como indivíduo transformado, pronto para contribuir de forma significativa para a educação e para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.S. Estágio Supervisionado em Prática de Ensino- relevância para a formação ou mera atividade curricular? In: **Revista Ande**, ano 13, nº 20, p. 1-42.1994.

BRASIL. Lei nº 8.069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Reedição atualizada em 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Brasília: MEC / SEF, 1998. V. 1 e 2.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação. 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

ONU. **Declaração dos direitos da criança**. In: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos/USP. 1959. Disponível em: <https://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>. Acesso em: 11 jul. 2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MEDEIROS, T. R. A. . A participação da família na prática curricular da educação infantil. In: **Pátio**. Porto Alegre. v. 28, p. 46-49, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar**. teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

SANTOS, R. S.; SANTOS, M. **Educação do Campo**: Classes Multisseriadas e seus desafios pedagógicos. Campinas, v.35, n. 129, p. 1165-1182, out-dez., 2017.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Ana Lourdes Lucena de; Et al. **Estágio I**: Pesquisa e Prática Pedagógica na Educação Infantil. Fortaleza: UECE, 2018.